ARRAIA-MIÚDA

Peça em três actos de JAIME GRALHEIRO. Publicada em 1977.

Representada pela primeira vez em Abril de 1976 pelo Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra (encenação José Barata), e seguidamente pelo Grupo Cénico de S. Pedro do Sul (encenação do autor).

[…]

Várias cenas: Salas da corte. Ruas de Lisboa. Interiores. *Arraia-miúda* narra os acontecimentos relacionados com a revolução de 1383, «através dos olhos de alguém que vive aqui, em Portugal. Hoje.», como diz o Autor.

Enquanto D. Fernando, rei de Portugal, se empanturra em lautos banquetes, a rainha, D. Leonor Teles, «põe-lhe os cornos» como o conde de Ourém, D. João Fernandes de Andeiro. O povo trabalha e sofre para sustentar «uma corja de senhores, ricos-homens, condes, grão-mestres, abades, bispos e prelados...» mas camponeses, mercadores e outros populares vão ganhando consciência da situação em que vivem, e mostram-se dispostos a lutar contra ela. Uma comissão representativa dessa arraia-miúda pretende ser recebida pelo rei e acaba por invadir a corte. O rei decide-se a promulgar a Lei das Sesmarias e a Lei da Construção de Naus, que aparentemente satisfazem algumas das reivindicações dos populares, para grande indignação da corte e da igreja. No entanto, D. Fernando acaba por esvaziar essas leis dos conteúdos que as justificava, o que satisfaz nobres e bispos. O povo verifica ter sido traído pelo monarca e inicia um movimento de características revolucionárias. Pouco depois, D. Fernando morre, em pleno banquete, com apenas 38 anos de idade. A viúva, D. Leonor, pretende proclamar como seu sucessor D. João, rei de Castela, casado com D. Beatriz, filha dos reis de Portugal. Nobres e intelectuais, como Nuno Álvares Pereira, o Mestre de Aviz, o Dr. João das Regras, reúnem para analisar a situação e preparar a revolta contra D. Leonor e contra o conde de Andeiro. D. João, Mestre de Aviz, é proclamado sucessor de D. Fernando, sendo decidido executar o Conde de Andeiro, o que deverá ser feito pelo próprio Mestre. Para defesa deste, é espalhada a falsa notícia da sua morte, e o povo, que o adora, dirige-se ao Paço. O Mestre apenas aparece aos populares que vão ao bispado e aí matam o Bispo de Lisboa, que era um castelhano. O povo toma conta da situação e a nobreza e a igreja começam a temer a evolução dos acontecimentos, o que leva o Mestre de Aviz a ameaçar sair de Portugal. Convencem-no a ficar e a lutar pelo poder. O rei de Castela invade o país e Lisboa é cercada apesar da resistência popular. Nuno Álvares Pereira coloca-se à frente das tropas que vão repelir o invasor enquanto a revolução popular é esmagada.

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, p. 147.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.